

Um Estudo de Caso no Atendimento Educacional Especializado: Potencialidades da Experimentação em Educação em Ciências

Case Study in Specialized Educational Care: Potentialities of Experimentation in Science Education

Josenilson da Silva Costa

Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte do Acre
nilson_jsc@hotmail.com

Aline Andréia Nicolli

Universidade Federal do Acre – UFAC
aanicolli@gmail.com

Resumo

A presente pesquisa foi desenvolvida com o intuito de responder, de forma prioritária, a seguinte questão: **Quais as aproximações possíveis entre Educação em Ciências e o Atendimento Educacional Especializado e as suas implicações para a promoção do Letramento Científico, nos Anos Iniciais, do Ensino Fundamental?** O delineamento metodológico está pautado na abordagem de pesquisa qualitativa, sendo a pesquisa caracterizada como um estudo de caso. Os sujeitos de pesquisa foram 10 estudantes com Necessidades Educacionais Específicas (NEE), matriculados no Atendimento Educacional Especializado (AEE) e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em uma escola rural do Município de Rio Branco, AC. Dentre várias considerações tecidas com a realização do presente estudo, foi possível identificar: a) a possibilidade de um atendimento especializado baseado na experimentação; b) um maior envolvimento dos estudantes nas atividades propostas e c) a experimentação em Educação em Ciência promove o letramento científico de crianças com NEE.

Palavras-chave: AEE, experimentos, inclusão educacional, metodologias ativas.

Abstract

This research was developed with the aim of answering, as a priority, the following question: **What are the possible approximations between Science Education and Specialized Educational Care and its implications for the promotion of Scientific Literacy, in the early years, of elementary school?** The methodological design was based on the qualitative research approach, and the research is characterized as a case study. The research subjects were 10 students with Specific Educational Needs (NEE), enrolled in specialized educational care (AEE) and in the Initial Years of Elementary School, in a rural school in the municipality of Rio Branco, AC. Among several considerations made with the performance of the present study, it was possible

to identify: a) the possibility of specialized care based on experimentation; b) greater involvement of students in the proposed activities and c) experimentation in Science Education promotes the scientific literacy of children with SEN.

Keywords: AEE, experiments, educational inclusion, active methodologies.

Introdução

O presente artigo apresenta aspectos que circundam a discussão sobre duas temáticas que são muito estudadas no âmbito acadêmico. De um lado, a Educação Especial, mais especificamente a oferta do Atendimento Educacional Especializado (AEE), que visa promover a plena participação do estudante com deficiência no ambiente escolar e, de outro, a Educação em Ciências, que objetiva promover o Letramento Científico¹ (LC), com vistas à formação cidadã.

Assim, tem-se o AEE e sua oferta, na escola, com o respaldo legal não substitutivo ao ensino comum, devendo ofertar aquilo que é específico à Necessidade Educacional Específica (NEE) para bem atender seu público, não podendo ser confundida com escolarização, reforço escolar, ou ainda, atendimento clínico-terapêutico. A Educação em Ciências, por sua vez, objetiva garantir aos estudantes, a partir da consideração de suas especificidades, uma sólida formação que progressivamente os estimulem a planejar e realizar cooperativamente atividades investigativas, mediante definição de problemas, levantamento e análise de hipóteses, construção e reconstrução de conceitos e apropriação de conhecimentos científicos, com vistas ao LC. Neste contexto, acreditamos que, dentre outras ferramentas de ensino, processos de ensino e aprendizagem pautados na experimentação figuram como possibilidades para viabilizar tal formação.

Reconhecemos, no entanto, que, pelo menos separadamente, tratar de AEE e Educação em Ciências, com vistas ao LC, não são ideias novas, mas o diferencial que nos propusemos a investigar refere-se às potencialidades formativas que emergem de uma possível aproximação de tais pressupostos, em âmbito educacional, de forma que dela resulte na formação de cidadãos críticos, atuantes e responsáveis pelas suas ações e escolhas, sejam eles com ou sem deficiência.

É exatamente nesta perspectiva que este estudo se propôs a responder, prioritariamente, a seguinte questão: Quais as aproximações possíveis entre Educação em Ciências e o Atendimento Educacional Especializado e suas implicações para a promoção do Letramento Científico, nos Anos Iniciais, do Ensino Fundamental?

Diante da amplitude expressa em nossa questão, optamos por apresentar alguns desdobramentos, vejamos: (a) Como estruturar um plano de Atendimento Educacional Especializado que considere a experimentação, como estratégia de ensino, e que promova a articulação interdisciplinar dos conteúdos de diferentes disciplinas? (b) Como a utilização da experimentação, como estratégia de ensino, pode minimizar possíveis limitações de estar, participar, bem como acessar espaços e conhecimentos, nas diferentes disciplinas, por estudantes com deficiência? c) De que forma a experimentação, como estratégia de ensino,

¹ Concebemos Letramento Científico enquanto parte de uma formação cidadã na qual ocorre a construção de senso crítico e autônomo do sujeito, com base nos quais enfrenta os desafios da sociedade contemporânea. Portanto, uma formação contextualizada deve desenvolver no sujeito, a capacidade de entender os conceitos científicos de maneira a aplicá-los em seu cotidiano questionando a utilização da ciência e da tecnologia em todos os aspectos do viver (MARTINS, 2019, p. 13).

pode resultar na formação, de estudantes com deficiência, pautada no Letramento Científico?

Destacamos que se trata de uma pesquisa de abordagem qualitativa, caracterizada como estudo de caso, que envolveu 10 (dez) estudantes dos anos iniciais, do Ensino Fundamental, que frequentavam atividades no AEE numa escola rural, localizada no município de Rio Branco, estado do Acre.

No que se refere à organização estrutural cabe destacar que o presente texto apresenta-se em três tópicos. Inicialmente o leitor encontrará os pressupostos teóricos; depois, os pressupostos metodológicos e, por fim, os atendimentos realizados e as análises possíveis.

Pressupostos teóricos

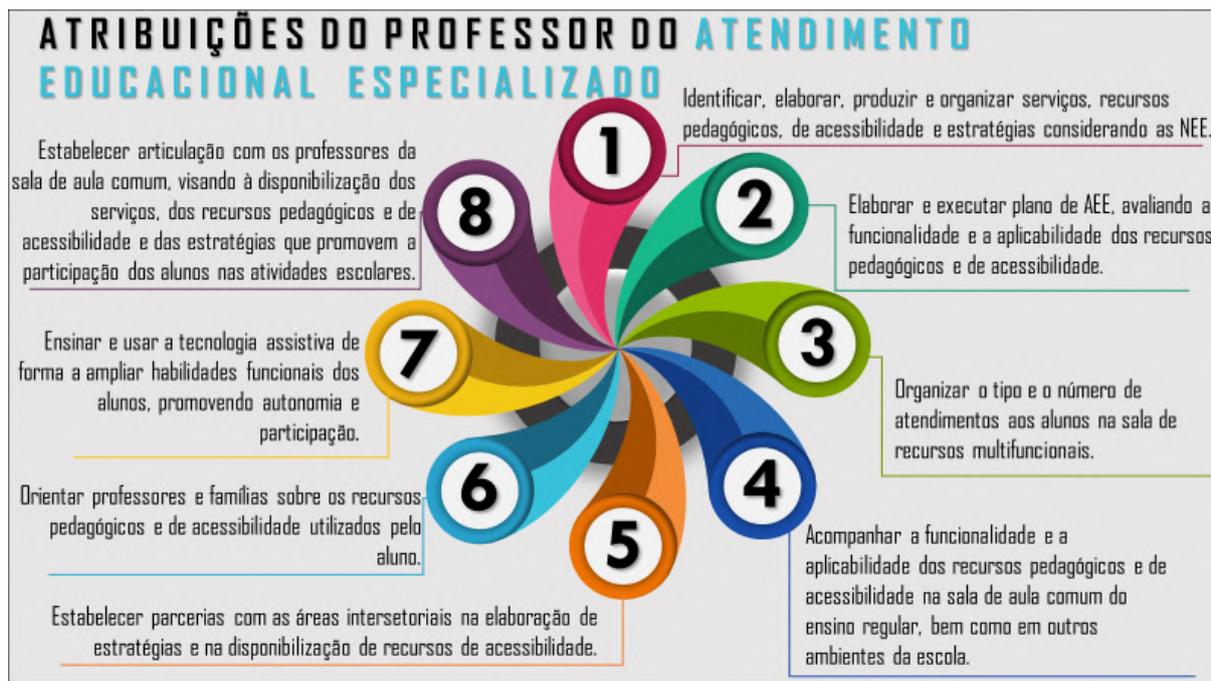
Ao se falar de AEE e, conseqüentemente, de Educação Especial, importa considerar que o processo de inclusão mobilizou e mobiliza, até os dias atuais, os sistemas educacionais, sejam eles públicos ou particulares, nas mais variadas modalidades de ensino, com o intuito de garantir o desenvolvimento de práticas inclusivas que extrapolem os limites da prática de integração. Todavia, para que o processo educacional voltado às pessoas com deficiência ganhasse o *status* de **inclusão**, da forma como hoje conhecemos, segundo Sasaki (1997), três importantes fases no desenvolvimento educacional foram marcantes, quais sejam: **fase de exclusão** (até o final do século XVII), **fase de segregação institucional** (Idade Média) e **fase de integração** (século XIX e XX). As mudanças, embora, vagarosas, nos permitiram perceber transformações no tratamento dispensado às pessoas com as mais diversas deficiências.

Na esteira do exposto, o Brasil tem assumido o compromisso de atuar com a Educação Especial, na perspectiva da Educação Inclusiva, em âmbito escolar, por meio da implementação de distintas políticas públicas. Dentre elas, destaca-se a política de formação docente que busca viabilizar especialmente, após os anos 2000, o preconizado na LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e a Resolução nº 04, de 02 de outubro de 2009, do Conselho Nacional de Educação (CNE), que instituiu Diretrizes Operacionais para o AEE na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Esta última em seu art. 1º indica o seguinte:

os sistemas de ensino devem matricular os alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas classes comuns do ensino regular e no Atendimento Educacional Especializado (AEE), ofertado em **salas de recursos multifuncionais** ou em centros de Atendimento Educacional Especializado da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos. [Grifos nossos]

É no contexto da implantação das Salas de Recursos Multifuncionais (SRM) que ocorre o AEE, em **turno inverso** ao de escolarização e com atuação de, no mínimo, um professor responsável com formação inicial ou pós-graduação em Ensino Especial. A **Figura 1**, apresenta as oito atribuições do profissional da SRM, de acordo com o preconizado no Art. 13, da Resolução nº 4, de 02 de outubro de 2009, do CNE, vejamos:

Figura 1: Atribuições do Professor do Atendimento Educacional Especializado



Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

Em se tratando, especificamente, da atribuição de número um, as atividades que devem ser incorporadas ao atendimento, dispensado a cada estudante, precisam assumir o caráter eminentemente pedagógico e, embora diferenciadas em relação ao estudado na sala de aula, caracterizar-se como situação-problema para contribuir com os processos de ensino e aprendizagem de conceitos e ações vivenciais. Por isso, acreditamos que processos de ensino e aprendizagem pautados na experimentação possam atender tais requisitos uma vez que,

pressupõe organizar as situações de aprendizagem partindo de questões que sejam desafiadoras e, reconhecendo a diversidade cultural, estimulem o interesse e a curiosidade científica dos alunos e possibilitem definir problemas, levantar, analisar e representar resultados; comunicar conclusões e propor intervenções. (BRASIL, 2017, p. 322)

Para além disso, acreditamos também que pensar o Atendimento Educacional Especializado pautado no ensino por experimentação, sobretudo a partir da Educação em Ciências, fortalece as premissas do “ensino de sala de aula” e, sobretudo, possibilita ao estudante com NEE, em um sentido mais amplo, a participação em processos reflexivos que promovem além da apropriação de conhecimentos a compreensão acerca do mundo em que vivem, sem limitar a aprendizagem à doença, uma vez que:

por meio de um olhar articulado de diversos campos do saber, precisa assegurar aos alunos do Ensino Fundamental o acesso à diversidade de conhecimentos científicos produzidos ao longo da história, bem como a aproximação gradativa aos principais processos, práticas e procedimentos da investigação científica. (BRASIL, 2017, p. 321)

Neste contexto, defendemos que o AEE quando pautado em processos de ensino e aprendizagem, desenvolvidos a partir de atividades de experimentação que envolvem conceitos



de Ciências, tornam-se possibilidades para (a) realizarmos aulas com abordagem interdisciplinar, por meio das quais pautam-se conceitos dos diversos componentes curriculares; (b) inserirmos os estudantes em atividades que incentivam sua participação ativa, por meio de ações e reflexões contextualizadas e situadas em situações-problemas existentes no dia a dia; (c) promovermos o LC de forma a garantir o desenvolvimento integral dos estudantes, por meio da apropriação de conceitos científicos e da percepção sobre suas inserções na vida cotidiana.

Pressupostos metodológicos

Apresentaremos, a partir de agora, os principais aspectos referentes à trajetória da pesquisa, lembrando que tal trajetória foi planejada com intuito de responder nossa questão de pesquisa: *Quais as aproximações possíveis entre Educação em Ciências e o Atendimento Educacional Especializado e suas implicações para a promoção do Letramento Científico, nos Anos Iniciais, do Ensino Fundamental?* e seus desdobramentos, (a) *Como estruturar um plano de Atendimento Educacional Especializado que considere a experimentação, como estratégia de ensino, e promova a articulação interdisciplinar dos conteúdos de diferentes disciplinas?* (b) *Como a utilização da experimentação, como estratégia de ensino, pode minimizar possíveis limitações de estar, participar, bem como acessar espaços e conhecimentos, nas diferentes disciplinas, por estudantes com deficiência?* c) *De que forma a experimentação, como estratégia de ensino, pode resultar na formação, de estudantes com deficiência, pautada no Letramento Científico?*

Ante o exposto, iniciamos destacando que a abordagem de pesquisa é qualitativa e se configura como um estudo de caso. Partindo inicialmente da ideia de pesquisa qualitativa, temos em André (2013, p. 97) que

As abordagens qualitativas de pesquisa se fundamentam numa perspectiva que concebe o conhecimento como um processo socialmente construído pelos sujeitos nas suas interações cotidianas, enquanto atuam na realidade, transformando-a e sendo por ela transformados. Assim, o mundo do sujeito, os significados que atribui às suas experiências cotidianas, sua linguagem, suas produções culturais e suas formas de interações sociais constituem os núcleos centrais de preocupação dos pesquisadores.

Além disso, por se tratar de um estudo de caso destaca-se que o mesmo ressurgiu na pesquisa educacional com um sentido bem abrangente “o de focalizar um fenômeno particular, levando em conta seu **contexto** e suas **múltiplas dimensões**. Valoriza-se o aspecto unitário, mas ressalta-se a necessidade da **análise situada e em profundidade**.” (ANDRÉ, 2013, p. 97).

Neste sentido, quando do desenvolvimento do nosso estudo de caso, nos propusemos a trabalhar com 10 (dez) estudantes dos anos iniciais, do Ensino Fundamental, que frequentavam atividades no AEE numa escola rural, localizada no município de Rio Branco, estado do Acre. Dos 10 (dez) estudantes atendidos 09 (nove) têm diagnóstico de Deficiência Intelectual (DI) e 1 (um) de Síndrome de Asperger, sendo 05 (cinco) meninos e 05 (cinco) meninas, que frequentavam aulas do 1º ao 4º ano. Para efeitos de sigilo, e melhor organização do texto, os estudantes serão identificados de E01 a E10.

Os atendimentos individuais na SRM aconteceram durante 05 (cinco) meses, com periodicidade semanal (2 encontros, com duração de 2h cada). A seguir, na **Figura 2**, apresentamos o modelo

de plano de atendimento usado, vejamos:

Figura 2: Roteiro para elaboração do plano de AEE



Fonte: Adaptado de ROPOLI et al., 2010.

Durante os atendimentos realizamos uma série de experimentos escolhidos com o intuito de tratar das unidades temáticas que devem, segundo a atual BNCC, ser contempladas na Educação em Ciências, nos anos iniciais, do Ensino Fundamental. Neste artigo, abordaremos 03 (três) destes experimentos, vejamos: (a) Matéria e Energia - Amoeba magnética; (b) Vida e Evolução - Microscópio caseiro e (c) Terra e Universo - Foguete com garrafa PET.

Destaca-se que para alcançar os objetivos de ensino e aprendizagem acima mencionados e possibilitar aos estudantes a vivência de situações que **minimizem as possíveis limitações** de acesso ao conhecimento, as atividades decorrentes dos experimentos, pautaram-se na pluralidade de abordagens disciplinares e metodológicas, de forma a motivar cada sujeito a dialogar, explorar suas histórias de vida, realizar as atividades, articulando-as com suas **experiências e especificidades**. Isto posto, destacamos a abordagem disciplinar dos seguintes conteúdos com seus respectivos experimentos e abordagens metodológicas, vejamos:

Figura 3: Experimentos realizados no AEE



Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

Por fim, vale ressaltar que em momento algum os atendimentos realizados foram pensados para substituir os processos de ensino e aprendizagem desenvolvidos na sala de aula regular, pelo contrário, embora tenham sido feitos por meio de experimentos nunca perderam de vista o foco do AEE que é o de possibilitar aos estudantes a minimização das possíveis limitações oriundas de suas especificidades. Dito isto, para que pudéssemos trabalhar os experimentos citados, nos valem, dentre outras abordagens metodológicas, as que seguem: (a) sala de aula invertida, (b) técnica de perguntas; (c) *deeper learning*; (d) problematizações e (e) gamificação.

Sobre os atendimentos realizados e as análises possíveis

Alguns estudantes (30%) já vinham sendo acompanhados em anos anteriores a este (seja na Instituição de Ensino que esta pesquisa fora realizada ou em outra), outros, começaram a frequentar a SRM pela primeira vez. Exatos 50% dos estudantes atendidos são considerados alfabéticos (com erro e com ortografia regular) segundo as hipóteses de escrita² (TEBEROSKY, 1991), os outros 50%, estão dentro do grupo denominado pré-silábicos, ou seja, estes estudantes apresentam uma escrita em que não estabelece correspondência entre o falado e o escrito.

De acordo com orientações nas formações continuadas realizadas pela Secretaria de Municipal de Rio Branco (SEME/AC), o tempo ideal de cada atendimento não poderia extrapolar duas horas de duração, desta forma, foi construído um cronograma onde cada estudante pudesse ser atendido, individualmente, uma vez por semana com duração de 2 horas. Além do mais, as

² Segundo Ana Teberosky (1991) a criança, no início da alfabetização geralmente não compreende que a escrita representa a fala, ela escreve de maneira não convencional e faz uma leitura de acordo com as informações que tem do mundo sobre o sistema alfabético. Tal conhecimento é transitório e foi denominado por hipótese de escrita.

brechas de horários no decorrer da semana permitiram constantes observações dos estudantes nos diversos ambientes subjacentes à escola, bem como o acompanhamento de todos os planejamentos junto à coordenação pedagógica com as professoras que davam aula aos sujeitos de pesquisa.

Antes mesmo de iniciarmos os atendimentos baseado na experimentação, passamos por alguns encontros planejados de maneira tradicional, baseado apenas nas limitações de cada estudantes. Obtivemos um enorme desafio no que se refere ao grupo dos pré-silábicos (E01, E03, E05, E08 e E09), pois eles resistiram muito durante os atendimentos. Uma hipótese que levantamos para tal desinteresse, por parte destes estudantes, está no fato de a maioria ser repetente. Desta forma, não é muito difícil que eles não achem atrativos os processos de ensino e de aprendizagem (seja na sala de aula comum ou na SRM). Em outras palavras, é como se estes estudantes tivessem perdido o estímulo para estudar, pois eles encontravam-se com distorção idade-série e, desta forma, aquilo que deveria ser um desafio, não surte efeito, visto que já viram inúmeras vezes, e, mesmo assim, supostamente não conseguiram aprender.

Outra dificuldade existente diz respeito à assiduidade dos estudantes. Por se tratar de um ambiente rural, e por conta das chuvas frequentes no período de inverno amazônico, os estudantes enfrentaram muitas complicações para a locomoção até a escola, o que corrobora com a quebra de uma rotina assídua e pré-estabelecida junto à comunidade escolar, sobretudo no que diz respeito aos atendimentos na SRM. Vale também deixar registrado que muitos dos sujeitos de pesquisa iam embora da escola no final da aula realizada na sala de aula comum, visando não permanecer na escola durante o contraturno quando ocorre o AEE.

Foi considerando esse contexto que nos propusemos a desenvolver, junto à coordenação da escola, um projeto pautado em práticas de experimentação (no Ensino de Ciências) que visasse minimizar os limites e potencializar as possibilidades dos processos de ensino e aprendizagem voltados aos estudantes do AEE (seja aqueles em nível pré-silábico ou alfabético). A intenção foi a de permitir que os atendimentos se tornassem mais atrativos visando sempre a maior acessibilidade dispensada a estes estudantes, uma vez que

O Ensino de Ciências tem na ludicidade uma importante ferramenta para o trabalho em sala de aula, de modo a permitir que as crianças tenham suas experiências e maneiras de ser considerados no estudo da natureza e da tecnologia (FERREIRA et al., 2021, p. 1339).

Dessa forma, ficou definido que a cada semana trabalharíamos um experimento com os estudantes. E assim foi feito. Antes mesmo de realizarmos os experimentos, trabalhamos os procedimentos metodológicos para sua execução, tendo como foco inicial a leitura e a escrita do passo a passo (textos instrucionais), visto que todos tinham dificuldades na realização destas duas atividades (leitura e escrita).

Como dito anteriormente, as dificuldades para a permanência e participação dos estudantes nos atendimentos foram muitas, todavia, como esperado, os **experimentos realizados fizeram o papel a que estavam condicionados**: servir como atrativo e/ou fator de motivação para que os estudantes permanecessem e estivessem dispostos a aprender.

Estar **disposto** a aprender foi um grande dilema que enfrentamos, pois não basta somente que o estudante permaneça na escola (muitas vezes obrigado pelos pais), é necessário que eles estejam dispostos a participar e se envolver nas atividades. Felizmente, com a proposta dos experimentos como uma alternativa metodológica quando do processo de atendimento na SRM, os sujeitos de pesquisa começaram a se interessar quase que instantaneamente, e, sempre

perguntavam pelo próximo experimento. Na figura 03, podemos observar alguns momentos registrados com os sujeitos de pesquisa realizando experimentos na SRM, vejamos:

Figura 03: Experimentos realizados nos atendimentos do AEE



Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

Cabe aqui ressaltar que todos os experimentos escolhidos para se trabalhar nos atendimentos foram supervisionados pela coordenação pedagógica da escola, sendo que em momento algum colocamos os estudantes em situações de perigo. Da mesma forma, foram planejadas atividades adaptadas referente a cada experimento, obedecendo sempre o grau de comprometimento/especificidade dos estudantes, de maneira que pudemos trabalhar antes, durante e depois de suas execuções.

O letramento científico ora promovido por meio da experimentação em Educação em Ciências possibilitou um maior envolvimento e autodescoberta dos sujeitos desta pesquisa para com seus processos de aprendizagem, uma vez que isto é de vital importância para o desenvolvimento do

processo de escolarização pois

Os anos iniciais de escolarização são um marco sociocultural de grande importância, pois é nesta primeira etapa da formação escolar do sujeito que são estabelecidas as relações com o conhecimento formalizado, os saberes instituídos, a cultura da escola e principalmente com os processos envolvidos no ato de aprender de maneira sistematizada (MARTINS, NICOLII, 2019, p. 23).

Por fim, salientamos que **a experimentação em Educação em Ciências serviu como pano de fundo para o trato das dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelos sujeitos de pesquisa**, seja de leitura, escrita, motora ou mesmo de comunicação oral, e, para além disso, as práticas ora trabalhadas, serviram também para um acultramento científico (MARTINS, NICOLLI, 2019), uma vez que os estudantes tiveram contato com o fazer científico já nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Considerações finais

Com o presente estudo foi possível tecer algumas considerações acerca da utilização da experimentação em Educação em Ciência frente ao Atendimento Educacional Especializado para a promoção do Letramento Científico nos Anos Iniciais, do Ensino Fundamental.

Acreditamos que ao se estruturar um plano de atendimento que contenha a experimentação como pano de fundo que promova a articulação interdisciplinar dos conteúdos de diferentes disciplinas pode minimizar possíveis limitações de estar, participar, bem como acessar espaços e conhecimentos por estudantes com deficiência, podendo assim, resultar na formação de estudantes letrados cientificamente, uma vez que tal processo começa nos Anos Iniciais de sua formação escolar. Em suma, pode-se dizer que com a presente pesquisa foi possível identificar: a) a possibilidade de um atendimento especializado baseado na experimentação; b) um maior envolvimento dos estudantes nas atividades propostas e c) a experimentação em Educação em Ciência promove o letramento científico de crianças com NEE.

Referências

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **O que é um estudo de caso qualitativo em educação?**. Revista FAEEBA, v. 22, p. 95-104, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 02 mar. 2023.

BRASIL. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica** / Secretaria de Educação Especial – MEC; SEESP, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular (Terceira Versão)**. Ministério da Educação, Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 02 mar. 2023.

FERREIRA, Mariane Grando; WENDLING, Cléria Maria; STRIEDER, Dulce Maria. Ludicidade e experimentação no ensino de ciências naturais: um panorama do currículo municipal de cascavel – PR. **Revista Valore**, v. 6 (Edição Especial): 1338-1347, 2021.

MARTINS, Ana Elisa Piedade Sodero; NICOLLI, Aline Andréia. **Letramento científico e ensino de ciências**: a importância de práticas pedagógicas pautadas na consideração dos conceitos prévios e da aprendizagem significativa à formação cidadã. **CADERNOS DO APLICAÇÃO (UFRGS)**, v. 2: 23-35, 2019.

ROPOLI, Edilene Aparecida; MANTOAN, Maria Teresa Eglér; SANTOS, Maria Terezinha da Consolação Teixeira dos; MACHADO, Rosângela. **A Educação Especial na Perspectiva da Educação Escolar**: A escola Comum Inclusiva. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, vol. 1, 2010.

SASSAKI, Romeu Kazuma. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. 8. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

TEBEROSKY, Ana. **Psicopedagogia da linguagem escrita**. Tradução Beatriz Cardoso. 4. ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1991.